**O LAZER DOS MORADORES DE UMA CIDADE TURÍSTICA: O OLHAR PARA UM PARQUE PÚBLICO DE CANELA/RS**

Eixo temático: 8. Lazer, turismo e hospitalidade

Classificação: Pesquisa científica

**RESUMO**

Visto o forte caráter turístico da cidade de Canela, a qual está localizada na Serra Gaúcha, tematizamos nessa pesquisa a relação ‘lazer e cidade’. A partir da etnografia, procuramos compreender os modos como os moradores da cidade de Canela/RS vivenciam seu lazer no ‘Parque do Lago’. O Parque do Lago foi o espaço no qual encontramos majoritariamente moradores da cidade vivenciando práticas de corrida, caminhada, skate, bicicleta, brincadeiras infantis e rodas de conversas regadas à chimarrão. Partindo das distintas formas de apropriação do Parque, identificamos as características dos diversos moradores que o utilizam e os significados desse espaço público para eles. Compreendemos que o Parque é um espaço de sociabilidade para distintos grupos de moradores que se apropriam do espaço público como uma maneira de se sentirem pertencentes à cidade. Além disso, as formas de acordo entre eles dentro do Parque estabelecem diálogos e negociações do uso do espaço, onde sua geografia ganha novos contornos.

Palavras-chave: Parque do Lago. Etnografia. Lazer. Canela.

**INTRODUÇÃO**

Canela está situada na Serra Gaúcha e possui um viés turístico acentuado. Não resta dúvida de que o turismo pauta o modo com que os moradores circulam, trabalham, e usufruem da cidade. Em vista disso, percebemos alguns aspectos direcionais do espaço para determinadas atividades de lazer para os moradores. O Parque do Lago aparece justamente nesse viés. O objetivo deste estudo, portanto, é, apartir de uma aproximação etnográfica, compreender os modos com que os moradores experienciam o lazer neste espaço da cidade.

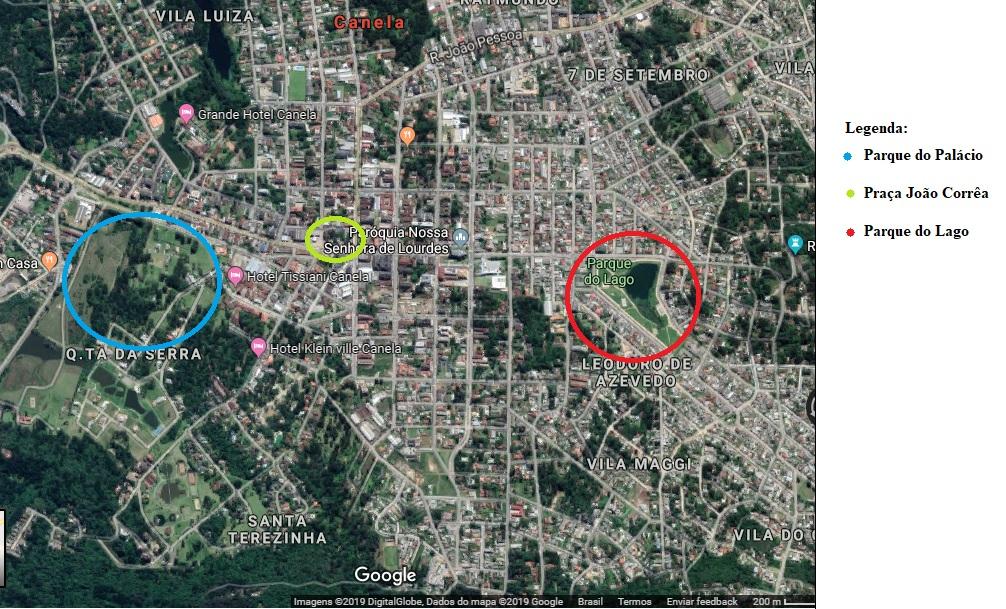
**METODOLOGIA**

Metodologicamente o caminho desse estudo percorreu os preceitos da etnografia. Essa metodologia está intimamente relacionada com os estudos antropológicos em que a noção de cultura é central para compreender os modos de vida das pessoas. ‘Olhar, ouvir e escrever’ (OLIVEIRA, 1998) passam a ser ferramentas metodológicas da etnografia uma vez que essas ações possibilitam compreender o universo pesquisado ‘de perto e de dentro’ (MAGNANI, 2009). Para isso é preciso investir no processo de observação participante junto as pessoas que se quer investigar.

Para essa pesquisa as observações do campo de estudos iniciaram em janeiro de 2019, com o objetivo de levantar quantos e quais espaços que, possivelmente, permitiriam aos moradores uma vivência de lazer. A lista abrangeu espaços, privados e públicos, da cidade, muitos deles indicados pelo site oficial do município[[1]](#footnote-1). Após uma rápida visita a cada um dos espaços, foram separados em duas categorias distintas (com viés turístico e sem viés turístico) e após isso estabelecemos alguns critérios para identificar ainda mais o tipo de público e de espaço, procurando compreender onde e como os moradores vivenciavam seus lazeres. São eles: a) uso majoritário de moradores da cidade de Canela; b) maior acessibilidade da comunidade; c) espaço mantido pelo Poder Público.

Estes três critérios resultaram em uma lista com três espaços: “Parque do Palácio”, “Praça João Corrêa” e “Parque do Lago” (figura 1). Estratificando os mesmos, ficou definido que a estes despenderíamos tempo maior de observação.

**Figura 1: Mapa demonstrativo**

****

**Legenda:**

Parque do Palácio

Praça João Corrêa

Parque do Lago

**Fonte: Google Maps**

Depois de seguidas observações a esses locais, definimos que a Praça João Corrêa não seria um *lócus* de observação para o presente trabalho uma vez que os moradores, embora presentes, não pareciam se apropriar desse espaço para seus lazeres, mas sim como um local de passagem. Quanto ao Parque do Palácio, em decorrência da extensão (9 hectares) e do horário restrito de funcionamento, apesar de também ser frequentado principalmente por canelenses, consideramos que não seria um *lócus* de observação para o presente trabalho.

Foi, por fim, no Parque do Lago que encontramos de maneira clara o preenchimento dos critérios que estabelecemos *a priori*. Localizado no centro, mas em uma região fora do acesso turístico, o Parque do Lago, de gerência municipal, em seus diferentes turnos e dias, é frequentado quase que exclusivamente por moradores. Este é, portanto, o ponto central de observação desse estudo.

As observações resultaram na construção de um diário de campo. Nele, além do que era visto, estavam também impressões pessoais acerca dos acontecimentos e/ou características do Parque[[2]](#footnote-2). Após o termino das observações (em junho de 2019), baseadas nos diários de campo redigidos, analisamos esse material a partir do diálogo entre o que o campo empírico nos apresentou e as reflexões que as referências sobre lazer e cidade nos provocou. Com isso, desenvolvemos algumas categorias analíticas que nos possibilitou compreender os modos com que os moradores da cidade de Canela/RS vivenciam seu lazer no parque do Lago, e que passamos a apresentar a seguir.

# **CIDADE, LAZER E TURISMO: BREVES APONTAMENTOS**

Canela pertencia ao município de Taquara e era apenas uma região de passagem redescoberta por tropeiros viajantes quando levavam o gado para São Paulo. A validade desse percurso se fazia quando os viajantes precisavam descansar e, como conta a história, após subir a serra, faziam-no à sombra de uma estrondosa caneleira, árvore que deu origem ao nome dos campos (STOLTZ, 1992 apud Weber, 2010). Canela, portanto, principiou sua história com a finalidade exclusiva de descanso, o que pode ser uma pista para entender como a região se desenvolveu para o campo turístico.

O turismo apresenta-se como um fenômeno econômico, político, social e cultural dos mais relevantes neste início de século XXI, “seja pelo aumento no tempo livre disponível à realização de atividades ligadas ao lazer, seja pela necessidade humana de se refugiar em outros espaços geográficos que não façam parte de seu cotidiano” (SILVA, 2015, p.416).

Já, em relação ao lazer, Dumazedier, em 1973, anunciava este como um tempo oposto ao trabalho o qual teria funções de desenvolvimento, divertimento e descanso. Já, Elias e Dunning, em 1992, escrevem outros entendimentos a respeito do momento de lazer, a partir de uma leitura configuracional da sociedade. Para esses autores, o lazer seria um momento de resgate emocional onde ao contrário de sustentar uma posição funcional, este se caracterizaria por produzir uma tensão agradável de livre interesse do sujeito.

Podemos ainda expandir o que entendemos como lazer compreendendo este como um momento diverso de sentidos para grupos sociais diferentes. Stigger (2009) indica que, independente da função ou da emoção que o lazer possa permitir, este se faz onipresente na ação de viver e vivenciar a vida social em um tempo histórico. Está longe de ser algo bom ou ruim, para o descanso ou para construção de emoções, mas sim algo a ser investigado, para assim poder ser compreendido (STIGGER, 2009). Em que pese o fato de estar localizado num tempo/espaço particular da existência das pessoas, somos levados a considerar que ele não deva ser visto como a antítese da vida cotidiana, mas como a sua continuação (STIGGER, 2009).

Canela, atravessada pelo fenômeno turístico que dialoga com as concepções de lazer trazidas pelo presente trabalho, atualmente é amplamente conhecida pelas suas paisagens naturais, suas fábricas de móveis e por seus deliciosos chocolates caseiros, além de sua extensa rede hoteleira e gastronomia típica. Está localizada a 110 quilômetros da capital Porto Alegre e sua condição climática a difere do restante das outras cidades do Rio Grande do Sul. Por se encontrar a 837m do nível do mar, Canela tem um clima frio. Tais fatores caracterizam o tipo de turismo do qual a cidade vive e a direção que a economia toma.

Segundo dados IBGE, em 2018, a população da cidade era de aproximadamente de 44.489 pessoas, número que flutua bastante ao longo do ano devido à visitação de turistas. Além dos eventos pontuais, a cidade tem explorado o turismo natural. A cidade possui grande área de preservação e vêm explorando o turismo de aventura e o ecoturismo (LEITE, 2006). O turista, porém, é considerado um estranho na medida em que vem de fora do sistema espacial de destino, move-se, consome, relaciona-se com outros estranhos e, em alguma medida, com os moradores – ou seja, os membros mais fixos da vida da cidade – e depois se retira (RIGATTI, 2002).

Ao que se refere à dinâmica espacial da cidade é pertinente observá-la como um lugar onde as inter-relações são decisivas e se traduzem na própria morfologia do espaço (RÉMY E VOYÉ, 1992) com características interpretativas e descritivas. Toda cidade e sua estrutura física, especialmente a dos espaços públicos, representam o campo de relações entre duas categorias sociais distintas: a dos estranhos e a dos moradores (RIGATTI, 2002 apud HILLIER, HANSON, 1984).

Nessa perspectiva, Canela funciona em constante ajuste apresentando uma estrutura urbana que corresponde a praticamente duas cidades independentes: “uma, menor, voltada ao consumo turístico e outra, grande e forte, que se organiza para o uso cotidiano de seus moradores, quase que sem interferir na anterior” (RIGATTI, 2002, p. 101). Há uma linha imaginária que separa a cidade dos turistas e a cidade dos moradores. A mudança é tão grande aos olhos que parece que estamos circulando em outra cidade, completamente diferente (LEITE, 2006).

Esta estrutura específica da cidade parece tendenciar o modo e o espaço voltado ao lazer e utilizado pelos moradores. Observar e compreender um espaço da cidade que se coloca na contramão do turismo e representa uma opção aos moradores é uma das reflexões potente que nos dedicamos a fazer.

**NEGOCIAÇÕES DE USO DO PARQUE**

O turismo em Canela remonta de muitos anos e sobrevive até hoje em diversas frentes. Nesse contraste vivo do morador e do turista dentro da cidade, Canela parece, baseado no que foi discutido sobre cidade, separar de modo mais efetivo as atividades turísticas do movimento dos canelenses propiciando, possivelmente, ao morador maiores espaços e momentos de lazer. Com uma vastidão de lugares e possibilidades, moradores dispõem na sua cidade de um local borbulhante de formas e usos de lazeres. Um organismo vivo em que a experiência etnográfica suscitou reflexões acerca das apropriações dos moradores desse espaço que caminha às avessas de um viés turístico.

Compreendemos a localização do Parque do Lago como elemento principal daquilo que ele pode engendrar. Está centralizado na cidade, mas ainda assim fora da região turística, o que facilita o acesso dos moradores. A estética “não turística” dos 600 metros que separam o Parque do Lago do principal ponto turístico da cidade de Canela, a Igreja Nossa Senhora de Lourdes, beneficia os moradores com um espaço exclusivo. Uma vez que o lazer exige na mesma proporção tempo e espaço, o Parque pode proporcionar situações de lazer para além de qualquer rápido ou superficial entendimento.

O Parque do Lago é um espaço aberto de obras relativamente recentes iniciadas em 2010. É ladeado pelas ruas Tio Elias, Ignácio Saturnino de Moraes e a Avenida do Lago no bairro Eugênio Ferreira, sendo vizinho da Delegacia da Polícia Civil de Canela, pelo lado da Rua Tio Elias, e do Corpo de Bombeiros, pela Avenida do Lago. A Rua Tio Elias concentra em toda a sua extensão o comércio da região, sendo as demais ruas residenciais. Apesar de ser rodeado pelo comércio, no interior do Parque do Lago ele não acontece. Nem de forma fixa, nem ambulante. O comércio local, em decorrência do fato, trabalha para suprir essa demanda nos finais de semana permanecendo aberto.

A infraestrutura do Parque compreende basicamente de cinco espaços de uso direcionado (uma quadra poliesportiva cercada, uma pracinha infantil, uma pista de skate e duas academias ao ar livre), estacionamentos oblíquos, duas pistas de caminhada/corrida de um quilômetro cada, quatro banheiros, lixeiras, bebedouros e bancos de pedra.

O Parque do Lago em sua abrangência, nos meses que permanecemos em contato direto com ele, mostrou-se multifacetado e passível de diversos usos e tipos de lazer. Preservado da característica turística da cidade, consegue exprimir com certa clareza como o morador se utiliza desse espaço de lazer. No entanto, devemos tomar cuidado com a materialidade do local ser traduzida automaticamente em termos de modo de vida (RÉMY E VOYÉ, 1992, p.13). Estes podem ser (e são) diversos (e representativos) de como a cidade entende o seu lazer e o vive no Parque do Lago.

Em cada um dos espaços foi possível identificar negociações do uso por parte dos moradores. Uma faixa extensiva de idades se utiliza do Parque em diferentes dias da semana e horários. Com base nessas negociações que construímos um mapa indicativo (figura 2):

**Figura 2: Setorização do Parque**

****

**Fonte: Acervo Próprio**

A começar pelo estacionamento que serve tanto para o Parque quanto para o comércio vizinho e em ambas as funções atende de maneira satisfatória o público. É nele que, principalmente nos finais de semana, no fim da tarde alguns moradores ficam para tomar um chimarrão. Nos finais de semana, esse determinado tipo de uso é predominante ao longo da região C e D (conforme especifiquei no mapa com as cores laranja e azul) do Lago. O público é majoritariamente de adultos jovens, muitas vezes acompanhados de crianças.

Quanto às pistas há em cada uma delas um universo diferente de intenções. A pista de piso cimentício retangular, por exemplo, tem um solo mais duro e é usada preferencialmente por quem está de passagem. Já a pista de areia grossa batida é onde as pessoas correm e caminham em maior número. As pistas, portanto, são o principal ponto de exercício físico, este como objetivo fim, para a população do Parque do Lago.

Já os banheiros são utilizados com muita frequência. Pela manhã, horário preferido dos mais idosos para a prática de exercícios, os banheiros estão sempre ocupados. Em uma conversa informal com uma das funcionárias do banheiro localizado na região E, obtivemos a informação que esse espaço reserva usos alternativos. Ela, por ficar uma média de quatro dias na semana por 12 horas ininterruptas, contou alguns acontecimentos que presenciou no banheiro, conforme registro no diário de campo:

Cláudia [nome fictício para preservar a identidade da funcionária] contou que tenta colocá-los a par das responsabilidades que ela tem e tenta através disso conter os estragos que alguns tentam provocar à estrutura dos banheiros. Com isso, disse ela, há uma rede onde um cuida do outro. Apesar disso, relatou um episódio em que o micro ondas que ela havia recém comprado tinha sido roubado. Acionou a polícia e falou para os jovens que teve contato. Os jovens ficaram desconfiados uns com os outros e passaram a reportar com mais frequência qualquer tipo de descuido nos banheiros. Esse comportamento é comum, segundo ela, nessa parte do Parque do Lago, muitos vão para gazear aula também. Cláudia contou que tenta dialogar com eles, aconselha e tenta produzir uma consciência de cuidado com as famílias, ‘É só isso que a gente pode fazer por essa gurizada’(DIÁRIO DE CAMPO, 30.03.2019).

Percebemos por esse pequeno trecho do diário de campo que, mais uma vez, o espaço é moldado pelos usuários. Um comportamento de “polícia” por parte dos jovens foi construído por uma relação sólida de parceria com a funcionária. Ações que por si próprias resultam em um tipo de uso do Parque do Lago. A atividade central escolhida pelos jovens concentra-se na pista skate e, como sinalizado por Stigger (2009), mesmo que essas práticas sejam, na maioria das vezes, observadas (e mesmo vividas) na perspectiva do entretenimento e de possibilidade de repouso, as pessoas que as desenvolvem estão passando por processos educativos. No caso, um processo educativo de preservação do espaço, além de muitas outras negociações dentro dos grupos.

Quanto aos locais de uso direcionado, temos muitos fatores para observar que nos levam a entender melhor como o morador vivencia o lazer em Canela e mais especificamente no Parque do Lago. Começando pela região A (delimitada pelas linhas vermelhas da Figura 2), observamos uma ocupação para uso fim da prática de futebol. Em Canela, por ser uma região de chuvas frequentes e inverno rigoroso, a oferta de campos de futebol é consideravelmente menor que a de quadras cobertas afunilando a prática do esporte. É por isso que, na falta de espaço, o Parque surge como possibilidade de praticar futebol de grama, principalmente nesse espaço da região A.

Já região B (delimitada pelo círculo verde da Figura 2), na pracinha, observamos a rotina das crianças nos horários de saída das escolas. Muitas, conhecidas do mesmo ambiente escolar, compartilham daquele momento, brincam e exploram os brinquedos com a liberdade comum que os espaços públicos suscitam.

A região C (delimitada pelas linhas laranja da Figura 2) é caracterizada pela quadra poliesportiva de uso compartilhado. Esta, ao contrário do que se imagina, é mais explorada para prática do basquete uma vez que o futebol se desenvolve nos gramados.

Vi na quadra o uso completamente inovador de bicicletas. Um grupo de meninos andava velozmente pela quadra, impedindo o uso despreocupado daqueles que jogavam basquete por ali. No entanto, os grupos dividiam harmoniosamente o espaço, parecia, pela naturalidade da situação, que era um fato corriqueiro do uso da quadra (DIÁRIO DE CAMPO, 08.03.2019).

Os trechos acima especificam um tipo de negociação do espaço próprio da quadra poliesportiva. Atividades opostas se encontram em um mesmo quadrante em harmonia, fato que leva a crer que o uso é condicionado a unidade da quadra. Ou seja, uma vez que só há uma quadra daquele tipo, o uso precisa ser dividido e negociado.

Um pouco mais além, na região D (delimitada pelas linhas azuis da Figura 2), temos a academia A. O público usuário dessa academia é majoritariamente idoso. O turno da manhã compreende o maior espaço de tempo de uso e conta com alguns profissionais particulares de Educação Física acompanhando seus alunos. Inclusive, importa referir aqui, certo trecho do diário de campo:

Alguns senhores acompanhados de uma professora particular utilizam os aparelhos da academia A. Os alunos se envolvem em uma discussão: as dores de bexiga. Um dos alunos se afasta com as mãos nas costas, curvadas, olhando para o chão nitidamente a procura de algo. Com um chumaço de capim, chegou próximo dos senhores e disse que aquele era um santo remédio para dor de bexiga. O capim para a bexiga se chamava ‘Pelo de porco’. Os outros alunos gostaram da dica e continuaram falando de outras ervas (DIÁRIO DE CAMPO, 10.04.2019).

Com a relação à região E (delimitada pelas linhas amarelas da Figura 2), temos a academia B e outro espaço de grama, usado para atividades esportivas variadas. A academia B, ao contrário da academia A, é usada prioritariamente pelo público jovem. Muito em virtude dos aparelhos que oferece (abdominais e barras) esta é bastante visada por esse público não só para a prática de exercícios, mas também como ponto de encontro.

Passei pela academia B e lá dois jovens faziam exercícios. Silenciosos faziam abdominais dos mais variados tipos, alguns inclusive duvidosos do ponto de vista biomecânico (DIÁRIO DE CAMPO, 29.04.2019).

Estes fatos registram uma preocupação profissional com relação à cultura de movimento dos moradores e das pessoas em geral. Com exceção dos idosos, não observamos nenhum profissional orientando as pessoas durante as práticas, nem particularmente e, muito menos, como um serviço oferecido pelo Parque enquanto uma política pública da cidade. Expandir a noção de lazer e oportunizar profissionais uma atuação – e às pessoas o serviço - nesse âmbito, portanto, nos auxilia a perceber a Educação Física como uma área para além da escola e das academias, atuando como um elemento integrador da vida em comunidade.

Caminhando um pouco mais além, na região F (delimitada pelas linhas rosas da Figura 2), temos a pista de skate. Ali o público é essencialmente jovem. Ciclistas, skatistas, pessoas utilizando patinetes são os que negociam o uso e se apropriam do espaço. O modo como ele foi construído é interessante: após um grande debate na Câmara de Vereadores, no qual a juventude local compareceu em peso, a fim de argumentar que não possuía local adequado para a prática das atividades comportadas pela pista, o projeto foi idealizado e posto em prática.

A pista de skate estava vazia. Notamos que não havia pichações ou grafites. Era nua de arte, mas cheia de marcas – o que ironicamente é uma arte. Só por isso, quando vazia como está agora, podemos dizer que alguém a usa (DIÁRIO DE CAMPO. 11.04.2019).

O afastamento do restante do Parque do Lago propicia certa privacidade aos que frequentam a pista de skate, estes, portanto, conseguem distinguir com mais facilidade quem pertence ou é considerado estranho para aquele local.

Quanto à região G (delimitada pelas linhas marrons da Figura 2), esta é pouco usada em relação às demais. É basicamente um ponto de passagem e/ou de afastamento proposital daqueles que desejam tomar um chimarrão longe dos espaços direcionados. É nessa região que se encontra o lago propriamente dito. Este é uma região de escoamento do esgoto e, segundo o relato de quatro funcionários com os quais conversamos informalmente, o cheiro ruim é presente nas regiões próximas ao lago, principalmente quando não chove com frequência.

Talvez por isso, apesar do nome, o Parque, aqui no sentido de quem usufrui dele, viva de costas para o lago. Cada espaço de uso direcionado se coloca as margens do lago mantendo uma distância considerável das águas. Para explicar melhor, trazemos o caso da cidade vizinha, Gramado, onde há o “Lago Negro”. Nele encontramos, tal como no Parque Farroupilha em Porto Alegre, a existência de barcos pedalinhos e uma extensa quantidade de bancos voltados de frente para o lago. O lago é o centro do “Lago Negro”, enquanto o lago do Parque do Lago é algo não apreciado. Se isso se justifica pelo mau cheiro, a ‘não centralidade do lago’ nos parece ser a responsável pela riqueza de usos dos demais espaços. O lago se sustenta e se mantém sozinho; as águas, os marrequinhos que nadam por elas, a vegetação que o cobre... Tudo existe apesar do Parque.

Quanto à locomoção esta é feita, além da estrada que corta todas as regiões, desde a A até a E, por algumas outras identificadas. As marcas do uso, assim como as demais expostas ao longo do trabalho, não são aleatórias, elas têm uma rotina, um sentido próprio. Nesse caso elas perpassam a grama e constroem um caminho novo pelo chão do Lago. Retratam o modo como os moradores negociam não só entre eles o uso do espaço, mas também com o próprio espaço:

Notei uma pequena estradinha. A direção saía da academia A e seguia a dos banheiros, um trajeto necessário e que foi construído pelos passos dos vários que já precisaram passar (DIÁRIO DE CAMPO, 05.04.2019).

Por fim, acreditamos que falar sobre a questão climática para a cidade de Canela e para o Parque do Lago seja muito importante. Em dias de chuva, há um forte esvaziamento do Lago. No entanto, há também um conhecimento intrínseco aos moradores dos tipos de chuva, das passageiras e das duradouras. O Parque reflete em certo ponto esse conhecimento e abriga na estiagem da chuva aqueles moradores que leram bem os céus.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conforme referido, a cidade de Canela possui um forte caráter turístico, mas dialoga com ele de maneira peculiar. Esta parece separar de modo mais efetivo as atividades turísticas das atividades dos moradores, estabelecendo a esta ‘cidade de moradores’ um teor grandioso e forte.

O turismo pontual da cidade parece proteger e devolver aos moradores espaços e modos de exploração do mesmo, sejam eles voltados para o lazer, sejam voltados para outras atividades. Há aqui uma necessidade de que as administrações municipais atentem para o fato de que existe uma relação intrínseca entre o visitante e o morador. Conforme Hoffmann (2008) sugere, experiências agradáveis que envolva os moradores são importantes para as imagens que os turistas criam dos destinos, então fica claro que é fundamental que a administração pública deva considerar o bem-estar de seus residentes no contexto do desenvolvimento do turismo, uma vez que este é uma das principais fontes econômicas da região.

Outro aspecto a ser concluído diz respeito ao lazer propriamente dito. A experiência de observação trouxe uma maior capacidade de aprofundar o que se entende por lazer em Canela/RS. O lazer, seguramente, acontece no Parque do Lago e pode ser entendido por uma perspectiva funcional, configuracional e cultural uma vez que abarca múltiplos públicos e esses o vivenciam de distintas maneiras. O Parque do Lago é, por isso e, além disso, um espaço democrático para a vivência dos lazeres dos moradores. Molda e se deixa moldar pelas rotinas e grupos que por ele passam, suscitando não só a busca de excitação da qual falava Elias e Dunning, mas também a educação socioeducativa continuada apontada por Stigger.

Fica assim constatado que os lazeres canelenses perpassam o tempo e o espaço oferecido pelo Parque do Lago e que dentro de cada espaço de uso direcionado há uma infinidade de negociações do uso e formas de vivenciar o lazer

**REFERÊNCIAS**

BRASIL, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE**. 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/canela.html?>> Acesso em: 20/04/2019.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e sociedade.** In: DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 19-50

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação no lazer.** In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. A busca da excitação. Lisboa: Difel, 1992, p. 101-138

HOFFMANN, Norberto. **Entre planejar e realizar: aspectos do planejamento turístico de Canela/RS na gestão,** 2005-2008.

LEITE, Clarissa Robaina. **Dinâmica imobiliária e espacial no aglomerado urbano não metropolitano de Gramado e Canela: reflexos da produção de condomínios urbanísticos e loteamentos fechados**. 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez., 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *In:* OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998, p. 17-35.

REMY, Jean; VOYÉ, Liliane**. A cidade: Rumo a Uma Nova Definição?.** Edição 502. Porto: Edições Afrontamento, 1992.

RIGATTI, Décio. **O turista, o morador e o uso do espaço urbano: interações espaciais em Gramado e Canela**. Paisagem e Ambiente, n. 16, 2002 p. 69-107.

SILVA, Paula Carina Mayer da; CAMPOS, Luciene Jung de. “**Primórdios de Canela”: o engendramento do discurso fundador de um destino turístico.** Revista Hospitalidade. São Paulo, v. XII, n. 1, 2015, p. 411- 437.

STOLTZ, Roger. **Primórdios de Canela/Nascente Turístico do RGS**. 1.ed. [S.I.]. [s.n.]: Copyright: Fundação Cultural de Canela.1992.

1. Disponível em <http://canela.com.br/>. Acessado em 20.04.2019. [↑](#footnote-ref-1)
2. O trabalho de campo foi realizado pela primeira autora deste trabalho. [↑](#footnote-ref-2)